

Um humano, demasiadamente humano

Caminho por necessidade e por desejo de desfrutar das incertezas pedestres na tarefa de recolher fragmentos de vidas para contar, urdidadas na trama das palavras, a memória de um encontro com um humano, demasiadamente humano.

Com os passos lentos, deixou a sua cadeira de engraxate e caminhou em minha direção, arqueado. Ribamar tinha a vida tatuada no seu corpo magro. Puxou o ar dos pulmões para me dizer: “Agora estou aposentado do tempo”. Tirou um cigarro amassado do bolso e confiou a mim a sua história.

Sete de setembro no tempo da ditadura, foi marchar na Avenida Duque de Caxias e não entrou de volta no ônibus da escola. Preferiu viver nas ruas do que suportar a ruindade de sua casa. Foi recolhido para o Santo Antônio do Buraco.

De maior, foi preso por assalto e depois por homicídio. Desceu aos infernos e depois subiu aos céus, amparado por uma santa mulher da vida. O tempo no Serviluz, a casa, os filhos, a tuberculose, a volta pra rua, a licença para engraxar sapatos. Relatos contados todos aos pedaços.

No outro dia, voltei à praça, vi a cadeira vazia. Contaram que Ribamar foi dormir em baixo da marquise e não amanheceu. Ficou a noite toda tentando tomar o fôlego, que não vinha. Ele descansou. Foi bem do jeito que ele me falou: “Tudo se acaba, a pele, o osso, tudo vira pó. A alma vaga por espaços infinitos”.

Dei meia volta sentindo que a caminhada produziu, por uma espécie de inversão, uma exploração de desertos, um exílio e um desenraizamento. Um devir poético sempre inacabado na cartografia incompleta de uma Fortaleza, parada na Praça dos Voluntários.

PIMENTEL, Lidia Valesca. Um humano, demasiadamente humano. In: KELMER, Ricardo. MENDONÇA, Alan. Flor de Resistência. Fortaleza: Editora Radiadora, 2020. V2; 56p.